

A SEMANA – 144

John Gledson

Este ano, finalmente, depois das crises dos dois anos anteriores, o carnaval tinha passado normalmente, e, portanto, como diz o cronista, com um entusiasmo extra. Parece que custa um pouco a Machado entrar no espírito da ocasião, como indicam os duzentos mil-réis que algumas pessoas, num momento de carestia, podem pagar por uma janela na rua do Ouvidor. Passa para um assunto – ou um alvo de sátira – a que já recorreu noutras ocasiões, as especulações e invenções do filólogo pedante Antônio de Castro Lopes.



A SEMANA

3 de março de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Tantas são as matérias em que andamos discordes, que é grande prazer achar uma em que tenhamos a mesma opinião. Essa matéria é o carnaval. Não há dois pareceres; todos confessam que este ano foi brilhante, e a mais de um espírito azedo e difícil de contentar ouvi que a rua do Ouvidor esteve esplêndida.

Ouvi mais. Ouvi que houve ali janela que se alugou por duzentos mil-réis, e terá havido outras muitas. É ainda uma causa da harmonia social, porquanto se há dinheiro que sobre, há naturalmente conciliação pública. Nas casas de pouco pão é que o adágio acha muito berro e muita sem-razão. Uma janela e três ou quatro horas por duzentos mil-réis é alguma coisa, mas a alegria vale o preço. A alegria é a alma da vida. Os máscaras divertem-se à farta, e aqueles que os vão ver passar,¹ não se divertem menos, não contando a troca de *confetti*² e de serpentinas, que também se faz entre desmascarados. Uns e outros esquecem por alguns dias as horas aborrecidas do ano.

Tal é a filosofia do carnaval; mas qual é a etimologia? O Sr. Dr. Castro Lopes reproduziu terça-feira a sua explicação do nome e da festa.³ Discordando dos que veem

¹ Aurélio tirou esta vírgula, presente na *Gazeta*.

² Como na crônica anterior, Aurélio moderniza para “confete”.

³ Antônio de Castro Lopes (1827-1901), latinista, filólogo, astrônomo e homeopata, fora alvo da sátira machadiana desde pelo menos 1883. Em três crônicas de “Bons Dias!”, satiriza os seus “neologismos”, palavras inventadas do latim para substituir empréstimos estrangeiros, sobretudo franceses, alguns dos quais, como “cardápio”, para substituir “menu”, sobreviveram. Este artigo, publicado no *Jornal do Commercio* de 26 de fevereiro, p. 2, col. 8 até p. 3, col. 1, citado como uma espécie de apêndice a um artigo sobre o carnaval, e a participação de vários clubes, de fato é uma republicação, cujo original é de março de 1889, segundo nos informa o próprio autor, que sem dúvida ofereceu o seu velho artigo ao *Jornal*. Nesse mês de março, nos dias 7 e 22, e no dia 20 de abril, justamente, Machado publicou três crônicas da série “Bons Dias!”, que satirizam o pedante. Para uma ideia do estilo do filólogo, podem-se ler as notas a essas três crônicas, na minha edição, sobretudo a nota 1 à primeira delas.

Este artigo não figura na série publicada pela *Gazeta de Notícias*. Entretanto, como o *Jornal do Commercio* publicou o artigo inteiro, pudemos verificar que de fato é um dos mais disparatados: as loucuras do seu raciocínio, talvez, atraíram Machado, além do assunto atual (o carnaval). O objetivo fundamental do artigo é mudar a *data* do carnaval, “porque nos meses de fevereiro e março, em que tal festa é celebrada, a alta temperatura, muitas vezes modificada por chuvas torrenciais (...) ocasiona doenças mais ou menos graves”. É um fato admitido, então e hoje, e faz parte da intensa preocupação higiênica do momento. O extraordinário do artigo é que toda a sua filologia tresloucada serve para “provar” que o carnaval e a quaresma não estão necessariamente ligados. Por isso se rejeita a etimologia

no carnaval uma despedida da carne para entrar no peixe e no jejum da quaresma (*caro vale*, adeus, carne), entende o nosso ilustrado patricio que o carnaval é uma imitação das *lupercais* romanas, e que o seu nome vem daí. Nota logo que as *lupercais* eram celebradas em 15 de fevereiro; matava-se uma cabra, os sacerdotes untavam a cara com o sangue da vítima, ou atavam uma máscara no rosto e corriam seminus pela cidade. Isto posto, como é que nasceu o nome carnaval?

Apresenta duas conjecturas, mas adota somente a segunda, por lhe parecer que a primeira exige uma ginástica difícil da parte das letras. Com efeito, supõe essa primeira hipótese que a palavra *lupercalia* perdeu as letras *l, p, i*, ficando *uercala*; esta, torcida de trás para diante, dá *careual*; a letra *u* entre vogais transforma-se em *v*, e daí *careval*; finalmente, a corrupção popular teria introduzido um *n* depois do *r*, e ter *carneval*, que, com o andar dos tempos, chegou a *carnaval*. Realmente, a marcha seria demasiado longa. As palavras andam muito, em verdade, e nessas jornadas é comum irem perdendo as letras; mas, no caso desta primeira conjectura, a palavra teria não só de as perder, mas de as trocar tanto, que verdadeiramente meteria os pés pelas mãos, chegando ao mundo moderno de pernas para o ar. Ginástica difícil. A segunda conjectura parece ao Sr. Dr. Castro Lopes mais lógica, e é a que nos dá por solução definitiva do problema.

Ei-la aqui. “Era muito natural, diz o ilustrado linguista, que nessas festas se entoasse o *canto dos irmãos arvais*; muito naturalmente também⁴ ter-se-á dito, às vezes, *a festa do canto arval* (cantus arvalis), palavras que produziram o termo *canarval*, cortada a última sílaba de *cantus* e as duas letras finais de *arvalis*. De *canarval* a *carnaval* a diferença é tão fácil, que ninguém a porá em dúvida.”

A etimologia tem segredos difíceis, mas não invioláveis. A genealogia é a mesma coisa. Quem sabe se o leitor, plebeu e manso, jogador do voltarete e mestre-sala, não descende de Nero ou de Camões? As famílias perdem as letras, como as palavras, e a do leitor terá perdido a crueldade do imperador e a inspiração do poeta; mas se o leitor ainda pode matar uma galinha, e se entre os dezoito e vinte anos compôs algum soneto, não se despreze; não só pode descender de Nero ou de Camões, mas até de ambos.

Por isso, não digo sim nem não à explicação do Sr. Dr. Castro Lopes. Digo só que o sábio Ménage achou, pelo mesmo processo, que o *haricot* dos franceses vinha do latim *faba*.⁵ À primeira vista parece gracejo; mas eis aqui as razões do etimologista:⁶ “*On a dû dire faba, puis fabaricus, puis fabaricotus, aricotus et enfin haricot.*” Há

óbvia e aceita de “carne vale”. Machado nem menciona este aspecto do argumento, talvez para não tocar num tópico mais polêmico. Segundo Castro Lopes, com a ajuda de sra. d. Lógica, repetidamente invocada, “poder-se-ia provar que o clero, nobreza e povo não são ofendidos em suas prerrogativas pela transferência do carnaval.”

⁴ Aurélio omite esta palavra.

⁵ Gilles Ménage (1613-1692), erudito francês que entre outros livros publicou um dicionário etimológico (onde aparece este exemplo) e uma história de filósofas femininas. Foi satirizado como pedante na peça *Les Femmes savantes*, de Molière. Voltaire, que tinha pouca fé na ciência da etimologia, escolhe esta derivação para ilustrar sua opinião.

⁶ Aurélio aqui tem ponto-e-vírgula.

seguramente um ponto de partida conjectural, em ambos os casos. O *on a dû dire* de Ménage e o *ter-se-á dito* de Castro Lopes são indispensáveis, uma vez que nenhum documento ou monumento nos dá a primeira forma da palavra. O resto é lógico. Toda a questão é saber se esse ponto de partida conjectural é verdadeiro. Mas que há neste mundo que se possa dizer verdadeiramente verdadeiro? Tudo é conjectural. Dai-me um axioma: a linha reta é a mais curta entre dois pontos. Parece-nos que é assim, porque realmente, medindo todas as linhas possíveis, achamos que a mais curta é a reta; mas quem sabe se é verdade?

O que eu nego ao nosso Castro Lopes, é o papel de Cassandra que se atribui, afirmando que não é atendido em nada.⁷ Não o será em tudo; mas há de confessar que o é em algumas coisas. Há palavras propostas por ele, que andam em circulação, já pela novidade do cunho, já pela autoridade do emissor. *Cardápio* e *convescote* são usados. Não é menos usado *preconício*, proposto para o fim de expelir o *réclame*⁸ dos franceses, embora tenhamos *reclamo* na nossa língua, com o mesmo aspecto, origem e significação. Que lhe falta ao nosso *reclamo*?⁹ Falta-lhe a forma erudita, a novidade, certo mistério. Eu, se não emprego *convescote*, é porque já não vou a tais patuscadas, não é que lhe não ache graça expressiva. O mesmo digo de *cardápio*.

Nem tudo se alcança neste mundo. Um homem trabalha quarenta anos para só lhe ficar a obra de um dia. Felizes os que puderem deixar uma palavra ou duas; terão contribuído para o lustre do estilo dos pósteros, e dado veículo asseado a uma ou duas ideias. Filinto Elísio mostra o exemplo do marquês de Pombal, que, tendo de expedir uma lei, introduziu nela a palavra *apanágio*, logo aceita por todos.¹⁰ “Apanágio passou; hoje é corrente,” disse o poeta em verso. Ai, marquês! marquês! digo eu em prosa, quem sabe se de tantas coisas que fizeste, não é esta a única obra que te há de ficar?



⁷ Filha de Príamo, rei de Troia. Apolo amava-a, mas ela resistiu; despeitado, o deus tornou inútil o dom profético que lhe concedera, tirando toda a credibilidade de seus vaticínios. Ela prevê a destruição da cidade, mas ninguém lhe dá ouvidos.

⁸ *reclame*, na *Gazeta*, sem acento. Aurélio corrige sem comentar.

⁹ Na crônica de 7 de março de 1889, Machado diz: “*Reclamo* é o que eu emprego, e emprego muito bem; porque é assim que se chama o instrumento com que o caçador busca atrair as aves”.

¹⁰ Filinto Elísio é o nome arcádico do poeta português padre Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819). Foi grande defensor da pureza da língua portuguesa, já citado nesse contexto na crônica de “Bons Dias!” de 7 de março de 1889. Estas palavras vêm citadas em “Da arte poética e da língua portuguesa”, *Parnaso lusitano*: “Quando o Pombal nas leis punha *apanágio* / Ninguém soube que enxalmo, que encomenda / Que bicharoco era *apanágio*: os mesmos / Letrados se tomavam da tarântula. / Apanágio passou: hoje é corrente.”